



A marca do tropeirismo e os caminhos do gado em Alagoas

The mark of tropeirism and the paths of cattle in Alagoas

José Robson Gonçalves Ferreira¹; Angela Maria Araújo Leite²

Página | 122

¹Graduando em Geografia, Campus I da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL – joserobsongoncalves678@gmail.com

² Docente do curso de Geografia, Campus I da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sociedade e Educação – NEISE, mestre em Geografia Agrária e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – angeleite@bol.com.br

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 22 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: A plantation, no nordeste brasileiro, é introduzida após a invasão portuguesa, no início do século XVI. O cultivo da cana de açúcar vai ser inserido na zona da mata e os engenhos vão se espalhando pelo território canavieiro. Para dar suporte a esses engenhos, a produção de alimentos se desenvolverá no agreste e a pecuária bovina no sertão, dessa forma o interior vai sendo ocupado, especialmente no atual território alagoano. Será a partir desta abordagem que o presente trabalho se desenvolverá. O objetivo é apresentar resultados da primeira etapa de uma pesquisa sobre a formação das cidades, através de levantamentos documentais em cartórios, igrejas e órgãos públicos. Assim, constatou-se a importância do tropeirismo, que será fundamental para o surgimento das feiras livres e, conseqüentemente, das cidades do agreste. Da mesma forma, as fazendas de gado serão o marco inicial da ocupação dos municípios do sertão alagoano.

PALAVRAS-CHAVE: Tropeiro. Rio dos currais. Agreste. Sertão. Alagoas.

ABSTRACT: Plantation, in northeastern Brazil, is introduced after the Portuguese invasion in the early sixteenth century. The cultivation of sugarcane will be inserted into the forest area and the mills are spreading through the sugar cane territory. To support these mills, food production will develop in the wild and cattle ranching in the hinterland, thus the interior is being occupied, especially in the current Alagoas territory. It will be from this approach that this work will develop. The objective is to present results of the first stage of a research on the formation of cities, through documentar surveys in notaries, churches and public agencies. Thus, it was verified the importance of tropeirismo, which will be fundamental for the emergence of free fairs and, consequently, of the cities of the wild. Similarly, cattle farms will be the initial milestone of the occupation of the municipalities of the Alagoas hinterland.

KEYWORDS: Tropeiro. River of the corrals. Agreste. Sertão. Alagoas.

INTRODUÇÃO

Até meados do século XVI o atual território alagoano era habitado por povos originários que mantinham estreita relação com as águas marítimas, a exemplo dos Caetés e Potiguaras, e as águas que adentravam o continente, como o Opará, atual rio São Francisco, a água simbolizava a permissão para continuar existindo. O mesmo se dará durante o processo de invasão e ocupação europeia, porém, essa relação “restringia-se apenas a exploração dos recursos naturais encontrados, no caso o pau-brasil, utilizado na Europa pela indústria têxtil e o relacionamento com os indígenas” (Silva e Leite, 2009, p.3) que seria utilizado como mão de obra para a citada exploração.

O Gado bovino foi introduzido no Brasil a partir de 1534, com o objetivo de auxiliar a atividade açucareira, abastecer o mercado interno, movimentar os moinhos e para o transporte da cana até os engenhos. Porém, os rebanhos não podiam ser criados próximos aos plantios da cana, uma vez que as cercas não era prática comum e o gado era criado solto. Assim, ficou estabelecido pela Carta Regia de 1701 que as terras mais férteis seriam destinadas a essa cultura e que os rebanhos deveriam ser introduzidos a menos de 10 léguas do litoral (Simonsen (1937) apud Schlesinger, 2010).

A dispersão do gado bovino se deu pelo baixo curso do rio São Francisco, chamado na época de “rio dos currais”, nas baixadas e altiplanos. “Caracteriza-se, então, a ocupação do sertão nordestino pela atividade criadora que ainda obedece aos velhos moldes herdados do nosso período colonial” (IBGE, 1960, p. 26). Assim, a criação extensiva, sem qualquer tipo de intervenção é característica da criação bovina e caprina em áreas de pediplano. Nesse sentido, “aos animais cabe fazer longas caminhadas à procura de água e de pastagem nos meses de estio.” O gado cria o homem aí, em lugar de o homem criar o gado” diz com muita propriedade famoso adágio popular. (Andrade, 1986, P.41 e 42)

Em terra longínqua e desprovida de qualquer interesse, por parte da elite açucareira, que não fosse o de manter o território para criação de gado, surgirá uma figura importante na constituição de uma identidade sertaneja, o caboclo. Foi através da “mistura” entre o branco e o indígena que o semiárido começou seu povoamento; os caboclos que desbravaram o sertão e superaram os desafios de habitar e cuidar do gado, dando origem à figura do vaqueiro. Logo surgiram fazendas e vilas e, com a chegada dos padres jesuítas, criavam-se as capelas dando início aos aglomerados urbanos de hoje.

De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1960) havia duas correntes de povoamento: “currais de dentro” e “currais de fora”, também conhecidos como “sertões de fora e “sertões de dentro” (mapa a seguir), o primeiro no sentido Bahia – Meio Norte e o segundo Pernambuco –Ceará. “A diferença provém, talvez, de que a área abrangida por esses últimos seja facilitada pelo contato com o litoral que o abastece, intensificando os movimentos de venda do próprio gado” (idem, p. 30).

Sendo o litoral e a zona da mata a região de maior interesse para o colonizador, em função da produção canavieira, a monocultura, grandes propriedades, instalação de engenhos e, posteriormente, de usinas caracterização sua ocupação. De acordo com Silva e Leite (2009, p.23) na “região do agreste a característica principal será a policultura e a formação dos municípios, constituídos de pequenas e médias propriedades. Tornou-se predominantemente agrícola nos séculos XIX e XX, com destaque para o município central desta região”, Arapiraca.



Fig. 1. Os Sertões de Fora e os Sertões de Dentro.
Fonte: Images Google (2019).

Quando se trata do tropeirismo em Alagoas pouco se conhece sobre a vida daqueles que percorriam longas distancias sobre o lombo de cavalos e mulas “são, justamente, essas ligações que vão ajudar na construção das relações sociais, econômicas, políticas e culturais, no universo tropeiro. E o estudo da interação do espacial com o social e humano”. (Paes,2001, p. 55). Através da história dos municípios, de documentos

encontrados em cartórios e relatos escritos por clérigos que está sendo possível lançar um primeiro olhar para compreender o papel do tropeiro no cenário alagoano.

Destarte, não podemos deixar de ter em mente o reconhecimento da importância destes caminhos circulados pelos tropeiros e testados em suas distâncias e curvas durante séculos, os quais serviram como orientação nos traçados das rodovias brasileiras atuais. (PAES, 2001).

JUSTIFICATIVA

O processo histórico de ocupação territorial do interior alagoano ainda carece de novos olhares. Uma grande lacuna permeia a história da ocupação territorial de Alagoas, especialmente do seu interior. Quem era responsável pelo abastecimento dos povoados e de regiões longínquas? De que forma se dava a comunicação entre as regiões? Como as feiras iam se estabelecendo e quem as abastecia? Há muito a desvelar.

Quando se trata do surgimento das cidades e da importância de visibilizar figuras como o vaqueiro e o tropeiro, é preciso dar destaque a seus papéis de atores principais na constituição histórica e econômica do povo e dos municípios alagoanos.

METODOLOGIA

Metodologicamente a pesquisa tratou de conhecer as cidades que foram formadas ao longo do processo histórico de ocupação do interior alagoano, através do tropeirismo, das feiras livres e da criação de gado, no agreste e no sertão. Para tanto, foram realizados levantamentos documentais em cartórios, igrejas e órgãos públicos, além de recorrer a autores que fazem uma abordagem histórica sobre a ocupação do território alagoano.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

Com relação a Alagoas, Brandão (1908) mostra a importância da capitania como núcleo povoador, destacando o sul do estado como centro pastoril, pela proximidade com

Sergipe, e destaca algumas vilas, em especial Penedo, que “contava então, compreendido em seu território porto da folha (Traipu) e Aguas Belas (atual território de Pernambuco) seis mil fogos, mais ou menos, quase trezentas fazendas de criação, muitos engenhos e vastas lavouras de algodão” (idem, p.44). Enquanto os engenhos exigiam cuidados especiais e constante observação da mão de obra escrava, a pecuária, em contrapartida, com poucos cuidados e menos rigidez era uma cultura praticamente nômade inferior à monocultura da cana de açúcar (ibidem, 1908)

O gado também abastecia as cidades litorâneas com o comércio da carne do sol (espécie de carne salgada e exposta ao sol) e era seu principal mercado consumidor (IBGE, 1960). Ao descrever as espécies bovinas existentes no sertão, a Enciclopédia dos municípios brasileiros observa que

Entre as espécies bovinas mais aclimatadas estão o crioulo, curraleiro, zebu, holandês, china. As espécies leiteiras europeias são encontradas em torno das cidades e onde existem culturas para melhor abastecimento dos núcleos urbanos mais densos. Os primeiros elementos, introduzidos no Nordeste, não eram definidos; porém, como se apresentavam destituídos de qualidades zootécnicas o seu cruzamento foi realizado com o indiano, búfalo, zebu, malabar, que se adaptaram melhor aos rigores climáticos do sertão. Nos dias atuais, o número de mestiços é enorme, sendo a maioria, azebuado (IBGE, 1960, p. 60).

A seguir, apresentamos um breve resumo da formação histórica de algumas cidades alagoanas.

Tabela 1 – Cidades da Bacia Leiteira alagoana e suas origens

MUNICÍPIO	INICIO DO POVOAMENTO	ORIGEM
BATALHA	Século XIX	Fazenda de gado
BELO MONTE	Século XIX	Fazenda de gado
CACIMBINHAS	Século XIX	Sítio Choan
JACARÉ DOS HOMENS	Século XX	Fazenda de gado
JARAMATAIA	Século XIX	Fazenda Jaramataia
MAJOR ISIDORO	Século XIX	Fazenda de gado
MINADOR DO NEGRÃO	Século XX	Fazenda de gado
MONTEIRÓPOLIS	Século XIX	Fazenda de gado
OLHO D'ÁGUA DAS FLORES	Século XIX	Agricultura e Pecuária
PALESTINA	Século XIX	Fazenda de gado
PÃO DE AÇÚCAR	Século XVII	Fazenda de gado

Fonte: (IBGE)

Adaptado pelos Autores (2019)

Sendo a Bacia leiteira formada por municípios constituídos majoritariamente, em sua origem, por fazendas de gado, estabelecemos esta característica para chamar atenção sobre o papel do tropeiro ao longo de suas formações. O transporte do gado e a instalação de feiras livres são fundamentais para atrair outros moradores e iniciar um povoamento.

Os tropeiros escoltavam o gado até o litoral, em seu retorno mercadorias iam sendo carregadas no lombo dos burros, abastecendo e reabastecendo ao longo de sua trajetória de retorno.

De acordo com Caio Prado Junior outro fator que favoreceu o desenvolvimento desses animais no sertão foi o crescente consumo da região litorânea e pela facilidade de montar as fazendas, onde os vaqueiros passavam a morar para cuidar do gado. Assim, as casas eram cobertas de palha e “feitos uns toscos currais e introduzido o gado (algumas centenas de cabeças), estão ocupadas três léguas (área média das fazendas) e formado um estabelecimento.” (PRADO JÚNIOR, 1942, *apud* SCHLESINGER, 2010)

Tabela 2 – Cidades do Agreste alagoano e suas origens

MUNICÍPIO	INICIO DO POVOAMENTO	ORIGEM
ARAPIRACA	Século XIX	Feira e cultivo da mandioca
COITE DO NOIA	Século XIX	Agricultura e atividade pastoril
FEIRA GRANDE	Século XX	Feira, agricultura e atividade pastoril
IGREJA NOVA	Século XIX	Piscicultura, feira e atividade agropastoril
LAGOA DA CANOA	Século XIX	Agricultura e criação de gado
LIMOEIRO DE ANADIA	Século XVIII	Fazenda de gado
MARIBONDO	Século XX	Fazenda de gado e agricultura
QUEBRANGULO	Século XIX	Incerta
SÃO SEBASTIÃO	Século XVIII	Feira e cultivo da cana de açúcar
TAQUARANA	Século XVIII	Fazendas de gado
TRAIPU	Século XVII	Fazendas de gado e piscicultura

Fonte: (IBGE)

Adaptado pelos Autores (2019)

Observamos que as fazendas de gado vão dar origem a muitas cidades alagoanas, a partir do surgimento das vilas, como se observa na formação de Limoeiro de Anadia, que era uma antiga propriedade agropecuária. Da mesma forma, cidades do

sertão, a exemplo de Mata Grande, Batalha, Major Izidoro, Agua Branca e tantas outras, todas ligadas a essa criação.

Chamamos atenção para a formação do município de São Sebastião, outrora conhecido como Salomé que, segundo historiadores, é a junção das palavras de sal e mel, pois eram produtos que os tropeiros transportavam e aonde pousavam para descansar a tropa. De acordo com o IBGE (1986) Salomé surgiu há aproximadamente 250 anos com o tropeiro José Luiz o qual fixou residência e teria “instalado no local uma hospedaria, sendo por muitos anos o único morador da região”. Para explicar seu surgimento recorreremos à descrição de Arinos sobre a formação de cidades a partir do tropeirismo, afirmando que ao fazer o pouso “logo surgia nas suas imediações um ou outro morador, erguendo palhoça, acomodando criações, plantando milho e passando a negociar com os homens das tropas que ali pernoitassem. Prosperando, montava venda, abastecia-se do melhor” (1921, p. 111).

Sendo o agreste uma área de transição entre o litoral e o sertão e constituindo-se região de abastecimento, especialmente com a produção agrícola, observamos uma diversidade na formação de seus municípios. Contudo, será no agreste que os tropeiros encontrarão um campo fértil para instalação de pontos comerciais, fixando residência ou para manutenção de um comércio ambulante.

Para finalizar, recorreremos mais uma vez a Enciclopédia dos municípios brasileiros ao afirmar que

Qualquer estudo sobre o fenômeno urbano no Nordeste e, especialmente, no sertão, deparasse com um sério obstáculo, representado pela quase inexistência de bibliografia especializada sobre o assunto. [...] constata-se que a grande maioria das cidades se originou quer das fazendas de criação, de fazendas mistas dedicadas às atividades agrícolas e à pecuária, ou ainda de aldeamentos indígenas (IBGE, 1960, p. 338).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos permitiu visibilizar as relações que foram sendo estabelecidas entre uma parcela da população que trabalhava para manter o funcionamento de engenhos, da crescente importância do litoral e da zona da Mata e os proprietários que buscava cada vez mais ocupar o território a partir da exploração da mão de obra do trabalhador.

Os vaqueiros deram o suporte para formação de uma cultura sertaneja e os tropeiros para caracterização das relações econômicas de municípios do agreste, especialmente para o surgimento e funcionamento das feiras livres.

Contudo, ainda há muito a se buscar, muitas perguntas que só poderão ser respondidas com o garimpo de documentos e relatos sobre a formação e manutenção de povoados e municípios.

Historicamente, pelos caminhos de Alagoas cavalos e mulas foram marcando o chão, enquanto o tropeiro se destacava entre os atores que constituíam as relações sociais, culturais, políticas e econômicas de um território alagoano.

REFERÊNCIAS

1. ANDRADE, Manuel Correia de. A Terra e o Homem no Nordeste. 6º Ed. São Paulo: Editora Atlas, 1986.
2. ARINOS, Afonso. Histórias e paisagens. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921
3. BRANDÃO. Moreno, História de alagoas. Penedo 1º de agosto de 1908.
4. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros: Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1960.
5. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Enciclopédia dos municípios brasileiros: Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959.
6. PAES, Jurema Mascarenhas, 2001_ Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no alto sertão baiano / Jurema Mascarenhas Paes. _ mestrado em história UFBA – Salvador, 2001.
7. SCHLESINGER, Sergio, 1950– Onde pastar? O gado bovino no Brasil / Sergio Schlesinger. – Rio de Janeiro: FASE, 2010.
8. SILVA, J. R. P. da e LEITE, A. M. A. Organização e desenvolvimento territorial da atividade
9. agrícola em Alagoas. XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009, pp. 1-26.